

KAHLIL GIBRAN

# O PROFETA

Tradução de  
Carmo Vasconcelos Romão

alma  
dos  
livros

# O PROFETA

## A Chegada do Navio

O escolhido e amado Almustafa, aurora do seu próprio dia, esperara doze anos na cidade de Orfalés a chegada do navio que havia de o recolher e levar de volta à sua ilha natal.

E no décimo segundo ano, no sétimo dia do *Ielool*, o mês das colheitas, subiu a colina, fora das muralhas da cidade e, quando olhou o mar, viu que com a bruma se aproximava o seu navio.

Nesse instante abriram-se as portas do seu coração, a sua alegria voou para lá do mar, e, fechando os olhos, refugiou-se nos silêncios da sua alma.

Mas, ao descer a colina, apoderou-se dele uma grande tristeza e pensou:

Como poderei partir em paz e sem mágoa? Não, não me despedirei da cidade com uma ferida na alma. Muitos foram os dias de dor e muitas as noites de solidão que passei dentro das suas muralhas; e quem pode separar-se da dor e da solidão sem mágoa?

Deixei restos da minha alma por estas ruas. Muitos são os filhos da nostalgia que caminham nus por entre estas colinas, e não posso afastar-me deles sem peso ou dor.

Não são vestes que hoje dispo, mas uma pele que arranco com as minhas próprias mãos.

Nem um pensamento o que deixo para trás, mas um coração dulcificado pela fome e pela sede.

No entanto, não posso demorar-me.

O mar que tudo reclama chama-me também e tenho de embarcar.

Embora as horas ardam na noite, ficar seria gelar, cristalizar, ficar preso num molde.

De bom grado levaria o que aqui se encontra. Mas como poderia?

Uma voz não pode levar no seu voo a língua e os lábios que lhe deram asas. Só, terei de procurar os céus.

Pois, solitária e sem ninho, a águia voará até ao sol.

Quando chegou ao sopé da colina, voltou-se de novo para o mar. Viu o seu navio aproximar-se do porto e reconheceu na proa os marinheiros, homens da sua pátria.

E a sua alma gritou-lhes, e ele respondeu:

Filhos da minha mãe ancestral, cavaleiros das marés,

Quantas vezes velejastes nos meus sonhos. Surgis agora no mais profundo despertar de um devaneio.

Pronto estou para partir, e a minha ânsia pelas velas desfraldadas apenas aguarda o vento.

Inspirarei apenas mais um sopro deste ar ameno e lançar-vos-ei apenas mais um olhar de afeto,

E depois unir-me-ei a vós, navegador entre navegadores. E tu, mar imenso, pai insone,

Refúgio de paz e liberdade para rios e ribeiros,

Que apenas descreverás uma última curva, um último murmúrio farás ouvir neste vale,

E serei teu, gota sem limite num oceano ilimitado.

E, enquanto caminhava, avistou ao longe homens e mulheres que saíam dos campos e das vinhas e se apressavam para as portas da cidade.

E ouviu vozes chamarem o seu nome, gritarem de um campo para outro, anunciando a chegada do navio.

E disse para consigo:

Será o dia do adeus o dia da reunião?

E a minha aurora será em verdade o meu ocaso?

Que oferecerei a quem deixou o arado a meio de um sulco, ou fez parar a prensa do seu lagar? Poderá o meu coração converter-se numa árvore carregada de frutos para os colher e ofertar?

E conseguirão os meus desejos fluir como uma fonte, para que possa encher os seus cálices?

Serei uma harpa que a mão do poderoso possa tocar, ou uma flauta por onde o seu sopro possa passar?

Serei o que procura os silêncios, mas que tesouros encontrarei nesses silêncios que possa dispensar com confiança?

Se este é o dia da minha colheita, em que campos espalhei a semente, e em que esquecidas estações?

Se esta é a verdadeira hora para erguer a minha lanterna, não será a minha chama que nela arderá.

Erguê-la-ei vazia e escura,

E o guardião da noite enchê-la-á de azeite para a acender.

Disse isto por palavras. Mas muito no seu coração ficou por dizer, pois ele próprio não podia revelar o seu segredo mais profundo.

Quando entrou na cidade todos vieram ter com ele, e aclamaram-no a uma só voz.

Os anciãos avançaram e disseram:

Não te apartes ainda de nós.

Foste o sol do meio-dia no nosso crepúsculo, e a tua juventude permitiu-nos sonhar.

Entre nós não és estranho ou hóspede, mas antes um filho eleito e muito amado.

Que os nossos olhos não sofram já por deixar de ver o teu rosto.

E os sacerdotes e sacerdotisas disseram-lhe:

Não deixes que as ondas do mar nos separem, nem permitas que os anos que passaste entre nós se transformem numa recordação.

Caminhaste entre nós como um espírito, a tua sombra iluminou os nossos rostos.

Muito te amámos. Mas o nosso amor era mudo, velado.

Porém, agora grita bem alto e revela-se perante ti.

Pois só na hora da separação o amor entende como é profundo.

E outros chegaram e com ele falaram. Ele nada respondeu. Limitou-se a curvar a cabeça; e os que se encontravam perto viram as lágrimas caírem-lhe no peito.

Todos se dirigiram para a grande praça diante do templo.

Do santuário saiu uma mulher, Almitra, uma vidente.

E ele olhou-a com grande ternura, pois fora a primeira que nele acreditara desde o primeiro dia da sua chegada à cidade. E ela chamou-o e disse-lhe:

Profeta de Deus, na busca do supremo, muito procuraste a lonjura do teu navio.

Agora que ele chegou, deves partir.

Profunda é a ânsia pela terra das tuas recordações onde residem os teus maiores desejos; e o nosso amor não te vai reter, nem as nossas necessidades te prenderão.

Porém, antes que partas, pedimos-te que fales conosco e nos reveles a tua verdade.

Transmiti-la-emos aos nossos filhos, e eles aos seus filhos, e nunca ela perecerá.

Na tua profunda solidão contempleste os nossos dias, e nas tuas vigílias ouviste o pranto e o riso do nosso sono.

Agora revela-nos a nós, e diz-nos o que te foi desvendado do que existe entre o nascimento e a morte.

E ele respondeu:

Povo de Orfalés, de que vos poderei falar, além do que agora agita as vossas almas?